



COR, BELEZA E MITO EM *THE BLUEST EYE*, DE TONI MORRISON

COLOR, BEAUTY, MYTH, IN *THE BLUEST EYE*, BY TONI MORRISON

Francisco Francimar de S. ALVES¹

Resumo

Este artigo faz uma breve análise do romance *The Bluest Eye* (O Olho Mais Azul), de Toni Morrison, levando-se em consideração a questão da cor branca como o mito da beleza que as personagens de pele negra da narrativa buscam, de forma fantasiosa, absorver como algo positivo, saudável e necessário, para que sejam amadas e respeitadas pela sociedade que as marginaliza. Entretanto, essas personagens acabam, inconscientemente, renegando sua própria raça, na mesquinha crença de que ser negro é sinônimo de sujeira, pobreza e feiúra. Ao contrário dessa idéia, ter pele branca e olhos azuis significa fazer parte dos padrões de beleza que devem ser seguidos por aqueles que desejam ser vistos com bons olhos por aquela sociedade. Sendo assim, a análise tenta mostrar que, o preconceito na narrativa de Morrison, não parte unicamente das personagens de pele branca, mas também do personagem negro, que cede aos padrões impostos por essa sociedade, a partir do momento que passa a absorver os valores do seu opositor de pele clara.

Palavras-chave: cor; beleza; mito; preconceito.

Abstract

This article shows a brief analysis of Toni Morrison's *The Bluest Eye* taking into consideration the matter of white color as a myth of beauty that the black characters in the novel search, in a fanciful way, to absorb as one positive, healthy, and necessary so that they can be loved and respected by the society that denies them. Nevertheless, those characters, unconsciously, end up rejecting their own race believing that being black is a synonym of dirtiness, poverty, and ugliness. On the contrary of this idea, being white and having blue eyes signifies to be inserted in the patterns of beauty that must be followed by those ones who wish to be seen through good eyes by that society. However, this analysis tries to show that the prejudice in Morrison's narrative does not come from the white characters only, but it also comes from the black ones, who accept the patterns imposed by that society from the moment they turn to absorb the social values of their white skin opposite.

Keywords: color; beauty; myth; prejudice.

¹ Mestre em Literatura Anglo-Americana pela UFPB. Professor da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande(UFCG)/Campus de Cajazeiras-PB-Brasil/CEP 58900-000. E-mail: ff.alv@bol.com.br

Introdução

A escritora afro-americana Toni Morrison (1931-) é uma das figuras mais representativas do romance americano contemporâneo. Sua primeira grande obra de sucesso *The Bluest Eye* (1970) foi a responsável pelo seu reconhecimento pelo público americano, pois esta abriu caminho para outras importantes narrativas como *Sula* (1973), *Song of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Beloved* (1987) e *Jazz* (1992), seu último romance publicado. Em 1993, Toni Morrison tornou-se a primeira mulher afro-americana a ganhar o prêmio Nobel em literatura.

O romance *The Bluest Eye* (O Olho Mais Azul) retrata a realidade da sociedade afro-americana do início do século XX no que diz respeito ao preconceito racial – a violência social enfrentada por famílias negras e, principalmente, pela mulher negra. A narrativa também sugere que o preconceito não parte apenas da comunidade que tem pele branca, mas parte também do próprio negro que, por causa dos valores impostos por aquela sociedade, repudia sua cor na concepção de que ter pele negra é sinônimo de feiúra e sujeira e, ao contrário, ter pele branca e olhos azuis significa beleza, amor, socialização e respeito de todos.

Em *The Bluest Eye*, Morrison apresenta diversos temas polêmicos, tais como: pobreza, relações de gênero, perda da inocência, incesto, abuso sexual, loucura, preconceito racial e o mito da cor e da beleza brancas, que é o foco da nossa discussão, pois é através desse ideal de beleza que Pecola chega à insanidade.

The Bluest Eye narra a história de Pecola Breedlove, uma garota negra de onze anos de idade que vive em absoluta pobreza e é considerada feia na visão da cultura americana hegemônica no início da década 1940, que define a beleza dentro dos padrões de artistas cinematográficos consagrados da época como Greta Garbo, Clark Gable, Jean Harlow, Ginger Rogers, e da atriz mirim Shirley Temple, que por sua vez é também uma boneca loira e de olhos azuis. O romance de quatro capítulos tem como cenário a cidade de Lorain, estado de Ohio, e é narrado por Cláudia MacTeer (narradora-testemunha), menina negra de nove anos de idade. Diferentemente de Pecola, Cláudia pertence a uma família ajustada e não se deixa influenciar pelo destrutivo preconceito racial, apesar dos fatores econômicos e psicossociais dominantes.

Pecola, protagonista do romance, recebe um tratamento repulsivo por parte da sua família. Sua mãe a trata muito mal por ser a garota negra e feia, na opinião de todos, e seu pai a estupra e a despreza. Após algum tempo ele incendeia sua própria casa e é conduzido à prisão. Assim, Pecola vai morar temporariamente com a família de Cláudia (narradora); sua mãe fica na casa dos patrões onde trabalha como doméstica; e seu irmão vai para a casa de outra família.

A princípio, podemos observar através da agressão (moral e física) da mãe de Pecola a rejeição da sua própria cor, pois para ela, negritude é sinônimo de feiúra. Pauline Breedlove divide com a sociedade a convicção de que sua filha é realmente feia: “Mas eu sabia que ela [Pecola] era feia. A cabeça repleta de belos cabelos, mas Deus ela era feia” (MORRISON, 1972, p. 100;²). Não apenas Pecola, mas também os outros membros da sua família são considerados

² Todas as passagens do texto de Morrison são traduções da própria lavra.

feios pela sociedade racista que os discrimina, simplesmente por serem negros, “feios” e financeiramente desestruturados. Mas não é só isso – a família Breedlove aceita essa idéia imposta pela sociedade: “... eles eram pobres e negros (...) eles acreditavam que eram mesmo feios (...) eles aceitavam isso sem questionar” (TBE³, p. 34).

A paranóia de Pecola na ânsia de ter olhos azuis tem início quando Frieda, irmã mais velha de Cláudia, leva-lhe uma xícara de leite com a imagem estampada de Shirley Temple, atriz mirim loira e de olhos azuis. Sendo Pecola vítima de tanto preconceito e de tanta humilhação, pelo simples fato de ser negra e feia, torna-se obcecada pelos olhos azuis da atriz mirim famosa na época. A garota se satisfaz, inicialmente, em tomar leite numa xícara onde está estampada a foto da atriz: “Nós sabíamos que ela gostava da xícara que tinha a imagem de Shirley Temple e não perdia a oportunidade de tomar leite nela, simplesmente para contemplar o belo rosto de Shirley” (TBE, p. 22). Como afirma Byerman (1990, p. 56), “Nesse estágio, ela atinge apenas uma felicidade momentânea ao ver um rosto branco e desejar tê-lo” (tradução própria). Até mesmo na escola onde estudava, Pecola era rejeitada por suas colegas de turma e até por seus professores: “Muitas horas ela passava olhando-se no espelho tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a tornava ignorada e desprezada por professores e colegas de escola. Ela era a única pessoa da turma que se sentava sozinha numa carteira dupla” (TBE, p. 39). Em face da constrangedora situação a que era submetida, Pecola, na sua infantil ilusão, acreditava que tudo poderia mudar na sua vida se ela conseguisse ter os olhos azuis de Shirley Temple. Assim, podemos observar que o mito da beleza branca foi algo que a sociedade racista do romance lhe impôs e ela absorveu de forma insana. Contudo, Pecola não é apenas vítima dessa sociedade, e sim, ela é também vítima da sua própria família, mais precisamente do seu pai que a faz perder sua inocência. Segundo Byerman (1990, p. 56), “após o trauma de ser estuprada por seu pai, ela perde todo o senso da realidade e acredita que realmente pode ter os olhos azuis que pateticamente deseja” (tradução própria).

The Bluest Eye mostra como os padrões da beleza branca impostos pela sociedade deformam a vida dos personagens negros e, principalmente, a vida das personagens negras, ou seja, como a idealização do branco-belo incutida na mente desses personagens é profundamente nociva. Implicitamente, diversas passagens na obra sugerem que a cor branca é indiscutivelmente superior à cor negra, incluindo: 1. a idealização da atriz mirim Shirley Temple: “Frieda trouxe-lhe em um pires quatro bolachas de farinha de trigo e um pouco de leite numa xícara onde estava estampada a figura de Shirley Temple em azul e branco” (TBE, p. 19); 2. a almejada boneca loira entregue a Cláudia: “Adultos, garotas mais velhas, lojas, revistas, jornais, vitrinas – o mundo todo concordava que, uma boneca de olhos azuis, cabelos loiros e pele rosada era aquilo que toda garota desejava” (TBE, p. 20); 3. a autoafirmação de Maureen Peal, garota moreno-clara que, numa discussão com Cláudia, acha-se suficientemente superior às suas colegas negras: “Eu sou bonita! E vocês são feias! Negras e feias. Eu sou

³ Daqui por diante o texto de Morrison será identificado por TBE (*The Bluest Eye*).

bonita!” (TBE, p. 61); 4. a preferência e a atenção que Pauline Breedlove dedica à família rica e branca fortalecem a rejeição e o abandono da sua própria família, pois na residência dos Fishers ela encontra qualidades não encontradas junto aos seus, até mesmo um apelido a seu gosto: “Mais e mais ela abandonava sua casa, seus filhos, seu homem (...). Poder, elogio e luxo eram dela neste lar. Eles até lhe deram algo que ela nunca tinha tido – um apelido – Polly” (TBE, p. 101); 5. a idealização da beleza branca no cinema através da ilusão de Pauline em querer que seu cabelo fosse parecido com o da atriz Jean Harlow: “Lembro que certa vez fui assistir um filme que contracenavam Clark Gable e Jean Harlow. Fixei meu cabelo como o dela do jeito que eu tinha visto numa revista. Partido de um lado e um pequeno cacho sobre minha testa. Ficou exatamente como o dela. Bem, quase exatamente” (TBE, p. 97).

Através dos exemplos acima, podemos observar que, em *The Bluest Eye*, as personagens negras tornam-se alienadas devido a pressão psico-cultural imposta pela sociedade branca, controladora dos costumes e padrões estéticos, ficando assim o grupo dominado à mercê de tais valores, ao mesmo tempo que distancia-se da sua base cultural. Segundo Giraud (1997, p. 73), o tema do romance “é assim o perigo advindo do distanciamento de um indivíduo afro-americano vis-à-vis de seus próprios padrões culturais de valor, e da conseqüente assimilação aos valores brancos dominantes”. Na narrativa, o mito da pele branca, dos olhos azuis e da boneca loira e rosada foi gerado por uma potente mídia gerenciada por um poderoso grupo de elite branca, tornando a negra do romance alienada (no caso de Pecola) quando não consegue atender àquele valorizado modelo de beleza.

Com relação à ausência de Pauline no seio familiar e, em contrapartida, sua dedicação à família Fisher, como mencionado acima, Byerman (1990, p. 57) afirma: “O trabalho dela em tal residência [dos Fishers] torna sua vida equilibrada, o que é impossível na sua própria existência como mulher negra e pobre ter esse equilíbrio junto a uma família que sofre sob o domínio dos brancos que ela tanto ama” (tradução própria). Devemos lembrar que Pauline e sua filha têm a mesma ilusão de querer parecerem-se com pessoas famosas, brancas e bonitas, porém com uma diferença: a primeira acredita mais na imagem que vem da tela do cinema, quando deseja usar o mesmo tipo de penteado da atriz Jean Harlow, enquanto que a segunda contenta-se em tomar leite (que é branco) em um copo onde está estampada a imagem de Shirley Temple. Associando a ilusão do cinema com a ilusão de trabalhar para os brancos, Byerman (1990, p. 57) observa: “... ela [Pauline] aprende com o cinema que o lar de pessoas brancas é o modelo da ordem” (tradução própria), qualidade esta que ela não encontra em seu próprio lar, pois ela sente-se mais em casa trabalhando na cozinha dos brancos e ricos do que dividindo a miserável vida com sua família pobre, negra e feia.

Podemos observar nos exemplos já mencionados que, as personagens negras da narrativa de Morrison, facilmente absorvem como *belo* tudo aquilo que é atribuído as personagens brancas, principalmente ricas e/ou famosas. Elas se apegam a essa falsa ilusão e menosprezam sua própria cor no auto-preconceito de que, mulheres negras e pobres são

simplesmente sinônimo de feiura e sujeira. As personagens negras não defendem suas origens, e sim, desfavorecem sua própria imagem em favor da imagem daqueles que só os diminuem, como é o caso de Pecola e sua mãe, que ambas absorvem os ideais da sociedade branca dominadora e preconceituosa. Por um lado, Pauline diz ser Pecola feia demais e, trabalhando para os Fishers, vai a cada dia abandonando seu lar, seu marido e seus filhos. Por outro lado, Pecola acaba mentalmente debilitada, acreditando ter olhos azuis. Assim, analisando por esse ângulo, percebemos que, no romance de Morrison, o mito da beleza branca destrói a identidade do negro, pois é através desse mito que as personagens negras passam a valorizar só o estereótipo (tudo que vem do branco). Em contrapartida, passam a renegar suas próprias raízes, como os exemplos já citados. Como afirma Giraud (1997, p. 72), a obra “enfoca os efeitos devastadores produzidos pela imposição, via meios de comunicação de massa, dos valores estéticos dominantes da ‘brancura’ aos ‘outros’ raciais numa sociedade racista”.

Pecola, personagem principal do romance, torna-se, contudo, símbolo do preconceito da sua própria cor e da convicção da sua própria feiura. Porém, outros personagens como seu pai, sua mãe e Geraldine, mulher de pele mulata, mas de razoável nível social e financeiro, atiram literalmente o ódio da sua própria cor em uma única vítima – Pecola. Sua mãe a chama de feia e a espanca, seu pai a estupra e a abandona, e Geraldine enche-lhe de palavras amargas chamando-lhe de bruxa preta, e ainda diz que seu filho não deve misturar-se com gente do tipo de Pecola. Muito embora tendo pele escura, Geraldine odeia os negros, ou melhor, ela renega sua própria raça e mostra a diferença entre pessoas de cor e pessoas verdadeiramente negras. Até mesmo as cores das roupas usadas pelo garoto sugerem a valorização dos padrões sociais representados pelas pessoas brancas ou loiras e de olhos azuis. E ainda, o cabelo do garoto não podia parecer-se com o penteado adotado pelos negros:

... sua mãe não gostava de vê-lo [seu filho] brincando com negros. Ela o explicara a diferença entre pessoas de cor e pessoas negras. Elas eram facilmente identificáveis. Pessoas de cor eram limpas e educadas; pessoas negras eram sujas e mal-educadas. Ele pertencia ao primeiro grupo: ele usava camisas brancas e calças azuis; seu cabelo era cortado de forma que se evitasse qualquer semelhança com lã (TBE, p. 71).

Não é difícil perceber que a personagem que mais sofre em consequência dos padrões da beleza branca é, evidentemente, Pecola. A cada dia ela vai absorvendo para si esse mito e passa a acreditar, demasiadamente, que só poderá ser amada, feliz e respeitada se possuir olhos azuis, que é pressupostamente símbolo de beleza. Desta forma, Pecola passa a perseguir essa ilusão em forma de obsessão, o que acaba provocando sua loucura. É exatamente o que observa Billingsley (1968, p. 163) quanto ao mito da beleza atribuído às pessoas de pele clara, onde a beleza negra tem pouco ou nenhum valor quando comparada com a beleza branca: “Há uma ilusão de beleza, a hipótese de que as características físicas associadas às pessoas brancas são mais bonitas do que aquelas associadas às pessoas negras. Esta hipótese é tão comum, difundida e permissiva que é preciso ser repensada” (tradução própria). Ainda sobre a mesma questão Weaver (1991, p. 97) também observa: “O padrão de beleza que exalta a mulher loira é em

qualquer lugar evidente na sociedade americana. A mulher negra é assim, por definição, excluída do belo” (tradução própria).

O romance mostra que o sofrimento de Pecola deve-se a um conjunto de decepções – a pobreza, o abandono por parte dos seus pais, o desprezo das suas colegas de escola e o preconceito da sociedade em geral. Diante de tudo isso, Pecola não tem outra alternativa a não ser viver em um mundo só seu – o da fantasia. O isolamento e a desilusão levam Pecola a desejar ter olhos azuis, os quais, só ela acredita, farão com que as pessoas a amem de verdade. Sendo assim, Pecola é psicologicamente violentada pelo preconceito da sociedade racista que a oprime. Sobre essa questão Davis (1990, p. 7) afirma: “O efeito destrutivo da sociedade branca pode tomar a forma de violência física, mas a opressão no mundo de Morrison é mais freqüentemente violência psíquica” (tradução própria). É portanto a pressão psicológica que conduz Pecola à loucura na busca de um “salva-vidas”, que é o mundo da fantasia. Sobre esse mundo Chevalier e Gheerbrant (1997, p.107) trazem um significado bem interessante quanto a sua relação com a cor azul, que é a cor dos olhos que Pecola deseja iludidamente e inutilmente:

Imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário. (...) Entrar no azul é um pouco fazer como Alice, a do País das Maravilhas: *passar para o outro lado do espelho*. Claro, o azul é o caminho da divagação, e quando ele se escurece, de acordo com sua tendência natural, torna-se o caminho do sonho. O pensamento consciente, nesse momento, vai pouco a pouco cedendo lugar ao inconsciente, do mesmo modo que a luz do dia vai-se tornando insensivelmente a luz da noite, o azul da noite.

Estabelecendo uma relação entre a significação da cor azul e a condição psicológica na qual Pecola se encontra, podemos observar a coerência que existe entre ambos os aspectos. No final da narrativa Pecola mergulha literalmente no mundo do “faz de contas” ou no do País das Maravilhas, acreditando ter realmente olhos azuis. Diante das várias e terríveis situações com as quais a garota se depara, Pecola é forçada mais e mais a adentrar-se no mundo da fantasia, que é sua única defesa contra a dor da sua existência. Passagens como: “Meus olhos. Meus olhos azuis. Deixe-me olhar novamente. Eles ficam ainda mais belos cada vez que olho para eles. (...) Veja. Veja ali. Veja aquela garota. Olhe para os olhos dela. Eles são mais azuis do que os meus?” (TBE, p. 156-7), mostram que Pecola está vivendo no mundo do “tudo é possível”, da ilusão, da insanidade.

No final do romance Cláudia MacTeer (narradora-personagem) lamenta o triste fim da garota que aspirava ter os olhos azuis de Shirley Temple, mas, talvez dentro do seu mundo de ilusões, Pecola conseguiu realizar seu sonho e ser feliz, muito embora sendo uma falsa realização: “Uma garotinha negra anseia os olhos azuis de uma garotinha branca e, o horror no coração da sua ansiedade, é superado apenas pelo o mal da realização” (TBE, p. 158). Para Pecola, os olhos azuis simbolizam a beleza e a felicidade que ela associa ao mundo das pessoas

brancas-loiras. Eles podem também simbolizar sua própria cegueira psicológica, pois ela só consegue tê-los através do seu desvario.

Vale salientar que Cláudia MacTeer é o contraponto de Pecola, visto que a primeira detesta tudo o que a segunda mais aprecia – leite, bonecas brancas/loiras, Shirley Temple e, provavelmente, qualquer outra coisa relacionada a cor branca. Ao contrário de Pecola, Cláudia detesta leite: “Nós [Cláudia e sua irmã Frieda] sabíamos que ela gostava da xícara que tinha a imagem de Shirley Temple e não perdia a oportunidade de tomar leite nela, só para segurar a xícara e contemplar o belo rosto de Shirley. Minha mãe sabia que Frieda e eu odiávamos leite” (TBE, p. 22). Assim, Cláudia não se permite contagiar pela fantasia da beleza branca tão contemplada e desejada por Pecola. Nas passagens abaixo fica bastante evidente o desprezo que ela tem por qualquer boneca branca, especialmente pelo mito Shirley Temple. Ainda podemos observar o desprezo que ela sente por garotas de pele branca:

Frieda e ela [Pecola] tiveram um amável diálogo sobre a beleza de Shirley Temple. Eu não podia dividir com elas essa contemplação, pois eu odiava Shirley. (...) Chegava o período natalino e o presenteado de bonecas. O presente mais especial e amado era sempre uma grande boneca de olhos azuis. (...) Eu tinha apenas um desejo: destruí-la. (...) Eu destruí bonecas brancas. Mas a destruição das bonecas não era o verdadeiro horror. A coisa verdadeiramente horrenda era a transferência dos mesmos impulsos para as garotas brancas. A indiferença com a qual eu podia vê-las [as bonecas] era simplesmente incitada pelo meu desejo de destruí-las (TBE, p. 19-20; 22).

The Bluest Eye contém, em parte, elementos autobiográficos, pois a própria autora afirma que, “estava criando sua própria identidade como escritora através deste romance: ‘Eu era Pecola, Cláudia, todo mundo’ ” (VANSPANCKEREN, 1994, p. 108). Vale salientar que, no novo prefácio da edição de 1993, Morrison afirma que a idéia para escrever o romance deve-se em parte a uma colega de classe no curso primário. A garota, cujo desejo de ter os olhos de uma garota branca, revelou seu desprezo pela sua própria raça, fazendo com que surgissem problemáticas questões sobre beleza e opressão⁴.

Podemos entender que Toni Morrison discute em *The Bluest Eye* o mito da beleza branca, que representa um grande perigo para as pessoas de cor negra que se deixam envolver por esse ideal de beleza, pois isso significa a perda da sua própria identidade, passando o sujeito a viver em função da identidade do outro de cor branca. É assim que Pecola se perde no mundo da ilusão tentando viver o eu do mito Shirley Temple e forçar, portanto, inserir-se nos moldes da sociedade dominadora. Nas palavras de Davis (1990, p. 9): “Existe sempre a ilusão de que, se alguém se insere nos padrões preestabelecidos, esse alguém será visto como humano” (tradução própria).

Assim, na tentativa de ser tratada como ser humano, Pecola busca na sua fantasia fazer parte dos padrões da cultura branca, e por sua vez, deixa de ser ela própria. A garota negra associa a beleza de Shirley Temple com o poder ser amada e acredita, em seu desvario que, se

⁴ Fonte: <www.gradesaver.com/classicnotes/titles/bluesteye/about>; tradução própria.

possuir olhos azuis, a crueldade que molesta sua vida em função desses padrões será substituída por afeição e respeito. Sendo assim, Morrison certamente traz em seu romance seu grito de indignação contra a sociedade racista que levanta a bandeira do ideal de beleza feminina como sendo o estereótipo da garota/mulher loira e de olhos azuis. Além disso, a autora certamente mostra o perigo que correm aqueles, sejam homens ou mulheres, que renegam sua própria raça negra, buscando por si sós a autodestruição, na falsa ilusão de quererem ser aquilo que jamais poderão ser, ou seja, acabam profundamente frustrados por não aceitarem sua natural condição de negros.

Para contrapor o mito da beleza branca, Morrison coloca como narradora-personagem uma garota-militante negra de nove anos de idade que defende sua raça, visto que sua postura é completamente inversa a de Pecola. Cláudia também sofre pelo descaso imposto pelos padrões que valorizam o branco e sua beleza, mas, diferentemente de Pecola, ela tem uma família estável que a ama. Sendo assim, sua presença no romance informa o leitor que, todas as famílias negras não são iguais a de Pecola – elas têm dignidade e, assim, preferem valorizar mais sua raça.

Concluindo nossa discussão acerca do mito da beleza branca em *The Bluest Eye*, faremos uma breve comparação entre essa obra de 1970 e o problema do preconceito racial ainda tão discutido nos dias atuais.

Podemos observar que esse tipo de preconceito é apresentado em grande escala na narrativa de Morrison através de diversas passagens que mostram o descaso contra as personagens negras, principalmente contra Pecola, que sofre o desprezo da sociedade branca e da sua própria família. Observamos também a presença do auto-preconceito através da valorização da cultura branca no caso da idealização da atriz mirim Shirley Temple; da tão desejada boneca loira de olhos azuis; da atenção que Pauline Breedlove dedica à família Fisher ao passo que rejeita sua família de sangue; da idealização da beleza branca na tela do cinema; e do desejo louco de Pecola em ter olhos azuis. Esses exemplos nos mostram não somente o que a cultura branca impõe a negra da narrativa, mas, principalmente, o seu distanciamento dos valores culturais que lhe são inerentes, ao mesmo tempo que absorve os padrões estéticos dominantes. Nas palavras de Giraud (1997, p. 72), “o romance descreve o processo de progressivo afastamento da população negra de suas raízes culturais e a sua gradual substituição pelos produtos da indústria cultural”.

Comparando o texto de Morrison com a questão do preconceito de cor nos dias atuais, observamos que há suas semelhanças, visto que a discriminação contra o negro ainda é um fato, apesar dos muitos questionamentos e até mesmo de uma lei que pune quem o discrimina. Da mesma forma, se compararmos o auto-preconceito em *The Bluest Eye* com o hoje, veremos que também há suas semelhanças. Não é difícil vermos na tela da TV e nas revistas de grande circulação no nosso país pessoas negras famosas, principalmente homens negros, exibindo belas mulheres (brancas ou loiras) como namoradas ou esposas; raramente testemunhamos esses

famosos na companhia de mulheres negras. É bem sabido que vivemos num país democrático e de muitas diversidades, mas, por que isso é tão evidente? por que frequentemente encontramos também negros (as) com os cabelos tingidos de amarelo? seria moda ou seria, como Pecola, o desejo de quererem ser o que nunca poderão ser? eis a questão da valorização dos padrões estéticos que sempre estão acima do grupo “inferior”. Sendo assim, prefiro usar o termo “auto-preconceito”, porque acredito que a maioria dos negros, assim como Pecola, acha-se incapaz de ver beleza em sua negritude, indo sempre buscá-la nos valores brancos dominantes. Como observa Giraud (1997, p. 72) sobre a condição de autoinferioridade de Pecola: “Incapaz de ver beleza em si mesma e em sua ‘negritude’, Pecola vai buscá-la nos olhos azuis de Shirley Temple”. Talvez eu esteja sendo um pouco radical ao usar tal termo, pois sabemos que a condição do “sentir-se inferior” deve-se, como já foi dito, à circunstâncias impostas ao negro pela sociedade onde os valores brancos ainda são mais valorizados. Por isso mesmo, acho que ele deve prezar mais por suas raízes e sua raça, como Cláudia MacTeer que, demonstrando ser fiel as suas origens, não se deixa influenciar pelo estereótipo cultural do grupo dominante.

Referências

- About Bluest Eye*. Disponível em: <<http://www.gradesaver.com/classicnotes/titles/bluesteye/about.html>>. Acesso em: 12 outubro 2005.
- BILLINGSLEY, Andrew. *Black Families in White América*. New Jersey: Prentice-Hall, 1968.
- BYERMAN, Keith E. “Beyond Realism: The Fictions of Toni Morrison.” In: BLOOM, Harold (ed.). *Modern Critical Views: Toni Morrison*. New York: Chelsea House Publisher, 1990.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 11ª ed. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DAVIS, Cynthia A. “Self, Society, and Myth in Toni Morrison’s Fiction.” In: BLOOM, Harold (ed.). *Modern Critical Views: Toni Morrison*. New York: Chelsea House Publisher, 1990.
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da Memória: uma leitura de Toni Morrison*. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- MORRISON, Toni. *The Bluest Eye*. New York: Washington Square Press, 1972.
- VANSPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da Literatura Americana*. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.
- WEEVER, Jacqueline de. *Mythmaking and Metaphor in Black Women’s Fiction*. New York: St. Martin’s Press, 1991.